

HISTORICAMENTE IRREVERENTE: O FILME XICA DA SILVA COMO RESISTÊNCIA AO REGIME MILITAR

HISTORICALLY IRREVERENT: THE XICA FILM AS A RESISTANCE TO THE MILITARY REGIME

HISTORICAMENTE IRREVERENTE: LA PELÍCULA XICA DE LA SILVA COMO RESISTENCIA AL RÉGIMEN MILITAR

*Maria Fernanda Fernandes (UFPI) **

Resumo: O filme *Xica da Silva* (1976) foi dirigido pelo cineasta Carlos Diegues mais conhecido no meio cinematográfico como Cacá Diegues. A produção tem como protagonista uma escrava de mesmo nome habitante do Arraial do Tijuco, (hoje Diamantina), localizado na então província de Minas Gerais. Xica obteve liberdade, riqueza e poder graças à paixão de João Fernandes de Oliveira, o comendador a quem a Coroa portuguesa havia dado o direito da extração de diamantes na região. O filme se passa quando a mineração era a atividade econômica preponderante no Brasil. Em meados do século XVIII, ao passo que a metrópole aumentava seus impostos e sua fiscalização sobre as minas do Arraial do Tijuco, os filósofos, artistas e os revolucionários ansiavam cada vez mais pela libertação. Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como *Xica da Silva* pode ter sido utilizado como uma alegoria de resistência à opressão durante o regime militar vigente no Brasil desde 1964. Em relação a protagonista este trabalho visa discutir a respeito das tentativas de transformá-la em um ponto de reflexão sobre os problemas e contradições do Brasil colonial e contemporâneo, inclusive utilizando o humor e a irreverência como instrumentos de críticas. Para alcançar tais resultados foi analisado o filme propriamente dito e algumas entrevistas, críticas de jornais e revistas especializadas em cinema da época, que fornecessem informações sobre a construção técnica e principalmente a respeito da construção de sentido da película frente a relação do tempo que foi representada, (século XVIII) e o tempo no qual foi produzida (durante o regime militar). Constatou-se que houve por parte do diretor uma intencionalidade de fazer de *Xica da Silva* uma alegoria de resistência e de sobrevivência ainda que individual a repressão colonial, sinalizando para a contestação ao regime militar, por intermédio da irreverência e críticas à coroa feitas por parte dos habitantes do arraial, percebe-se o descontentamento frente ao poder absoluto da coroa sobre os mesmos, numa comparação ao caráter controlador da ditadura brasileira. A constante conspiração contra João Fernandes e Xica também retoma a enfática vigilância tanto do período setecentista quanto da década de 1970. Percebeu-se também que sendo Cacá Diegues um dos fundadores e principais membros do Cinema Novo, movimento que se tornou conhecido por afirmar defender uma problematização direta dos problemas sociais brasileiros, o filme foi alvo de críticas constantes por ser considerado alegórico demais, não fazendo ressalvas diretas ao regime militar, no entanto, embora as referências à ditadura estejam diluídas, a escolha do tema já é um indicativo da postura do autor: retratar a história de uma negra escrava que quer se tornar livre. (ROSSINI, 1997).

Palavras-chave: *Xica da Silva*. Resistência. Cacá Diegues.

Abstract: The film *Xica da Silva* (1976) was directed by the filmmaker Carlos Diegues best known in the cinematographic medium as Cacá Diegues. The production has as protagonist a slave of the same name inhabitant of the Array of Tijuco, (today Diamantina), located in the then province of Minas Gerais. Xica obtained freedom, wealth and power thanks to the passion of João Fernandes de Oliveira, the commander to whom the Portuguese Crown had given the right to diamond extraction in the region. The film takes place when mining was the preponderant economic activity in Brazil. In the middle of the eighteenth century, while the metropolis increased its taxes and its control over the mines of Arraial do Tijuco, philosophers, artists and revolutionaries were increasingly anxious for liberation. This research has as main objective to analyze how *Xica da Silva* may have been used as an allegory of resistance to oppression during the military regime in Brazil since 1964. In relation to the protagonist this work aims to discuss about the attempts to transform it into a point of reflection on the problems and contradictions of colonial and contemporary Brazil, including using humor and irreverence as instruments of criticism. In order to achieve these results, we analyzed the film itself and some interviews, critics of newspapers and magazines specialized in cinema of the time, that provided information about the technical construction and mainly about the construction of sense of the film versus the relation of the time that was represented, (18th century) and the time in which it was produced (during the military regime). It was found that the director had an intentionality to make *Xica da Silva* an allegory of resistance and survival, even though individual colonial repression, signaling to the challenge to the military regime, through the irreverence and criticism of the crown made by the inhabitants of the camp, one can see the discontent before the absolute power of the crown over them,

*Mestranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: ffnandafernandes6@gmail.com

in a comparison with the controlling character of the Brazilian dictatorship. The constant conspiracy against Joao Fernandes and Xica also resumes the emphatic vigilance of both the eighteenth and seventies. It was also noticed that Cacá Diegues was one of the founders and main members of Cinema Novo, a movement that became known for claiming to defend a direct problematization of Brazilian social problems, the film was constantly criticized for being considered too allegorical, not making direct reservations to the military regime, a However, the references to the dictatorship are diluted, the choice of the theme is already indicative of the position of the Brazilian dictatorship. author: portraying the story of a black slave who wants to become free. (ROSSINI, 1997).
Keywords: Xica da Silva. Resistance. Cacá Diegues.

Resumen: La película Xica da Silva (1976) fue dirigida por el cineasta Carlos Diegues más conocido en el medio cinematográfico como Cacá Diegues. La producción tiene como protagonista a una esclava del mismo nombre habitante del Arraial do Tijuco, (hoy Diamantina), ubicado en la entonces provincia de Minas Gerais. Xica consiguió la libertad, la riqueza y el poder gracias a la pasión de John Fernandes de Oliveira, el comandante a quien se le dio la corona portuguesa del derecho de extracción de diamantes en la región. La película se pasa cuando la minería era la actividad económica preponderante en Brasil. A mediados del siglo XVIII, mientras que la metrópoli aumentaba sus impuestos y su fiscalización sobre las minas del Arraial do Tijuco, los filósofos, artistas y los revolucionarios anhelan cada vez más por la liberación. Esta investigación tiene como objetivo principal analizar cómo Xica da Silva puede haber sido utilizado como una alegoría de resistencia a la opresión durante el régimen militar vigente en Brasil desde 1964. En relación a la protagonista este trabajo busca discutir acerca de los intentos de transformarla en un " punto de reflexión sobre los problemas y contradicciones del Brasil colonial y contemporáneo, incluso utilizando el humor y la irreverencia como instrumentos de crítica. Para alcanzar tales resultados se analizó la película propiamente dicho y algunas entrevistas, críticas de periódicos y revistas especializadas en cine de la época, que suministrar informaciones sobre la construcción técnica y principalmente respecto a la construcción de sentido de la película frente a la relación del tiempo que fue representada (siglo XVIII) y el tiempo en que fue producida (durante el régimen militar). Se constató que hubo por parte del director una intencionalidad de hacer de Xica da Silva una alegoría de resistencia y de supervivencia aunque individual la represión colonial, señalando para la contestación al régimen militar, por intermedio de la irreverencia y críticas a la corona hechas por parte de los habitantes del campamento, se percibe el descontento frente al poder absoluto de la corona sobre los mismos, en una comparación al carácter controlador de la dictadura brasileña. La constante conspiración contra João Fernandes y Xica también retoma la enfática vigilancia tanto del período setecentista como de la década de 1970. Se percibió también que siendo Cacá Diegues uno de los fundadores y principales miembros del Cinema Novo, movimiento que se hizo conocido por afirmar defender una y en el caso de que se trate de un problema de salud pública, la película fue objeto de críticas constantes por ser considerado demasiado alegórico, no haciendo resalvas directas al régimen militar, sin embargo, aunque las referencias a la dictadura están diluidas, la elección del tema ya es un indicativo de la postura del tema, autor: retratar la historia de una negra esclava que quiere ser libre. (ROSSINI, 1997).

Palabras clave: Xica da Silva. Resistencia. Cacá Diegues.

É a Xica da Silva e a Xica que manda

O filme *Xica da Silva*¹¹⁷ conta a história de uma escrava negra que habitava o Arraial do Tijuco, na província de Minas Gerais. A história da protagonista se passa na segunda metade do século XVIII, retratando, portanto o Brasil colônia e sua crescente atividade mineradora.

Xica da Silva (Zezé Motta) seduz o contratador João Fernandes (Walmon Chagas), fazendo com que o mesmo se apaixone por ela logo ao chegar ao Arraial do Tijuco, comprando-a contra vontade do sargento-mor do Arraial, seu primeiro dono. João Fernandes tinha como objetivos principais extrair ouro e diamantes a mando da coroa.

A partir do momento em que deixa de ser propriedade do sargento-mor e passa a residir com o contratador Xica vive um processo de ascensão. A escrava é alforriada e vai conseguindo

¹¹⁷ *Xica da Silva*. Direção: Carlos Diegues, Produção: Jarbas Barbosa, Terra Filme e Embrafilme, 1976.

riquezas e poder rapidamente, recebendo inúmeros presentes e tendo todos os seus desejos atendidos graças a João Fernandes.

As figuras políticas e religiosas do próprio tijuco são outro núcleo de personagens que se destacam. O Intendente (Altair Lima) junto a sua esposa dona Hortência (Elke Maravilha), o sargento-mor (Rodolfo Arena) e o pároco (João Felício dos Santos). Tais personagens passam a tramar contra o casal, pelo fato de João Fernandes estar extraindo diamantes em locais proibidos para suprir os altos gastos com Xica. Havia também grande incomodo com o destaque que Xica e sua comitiva de escravos vinham recebendo no Arraial.

Tal projeção havia passado da esfera simbólica para atos mais concretos de subjugação e tentativas forçadas de aceitação de Xica e de sua relação com o contratador, um exemplo desta aprovação forçada a protagonista pode ser observado com a construção de um grande barco para que pudesse realizar seu sonho de navegar.

A cena foi filmada do ângulo de quem estava dentro do barco e de quem o observava nas margens do lago. A bordo da embarcação encontram-se Xica e alguns de seus escravos fazendo um verdadeira festa sob os olhares de ódio e inveja do povo do Arraial.

O contratador inicia uma salva de palmas. Mesmo com toda a aversão a Xica ninguém nem mesmo o sargento-mor ou o intendente ousam se manifestar publicamente, visto que a ex-escrava é a protegida do homem mais poderoso política e financeiramente do lugar. Todos os brancos que contemplavam o passeio do barco de Xica são obrigados a aplaudir e acenar para ela, ainda que a contragosto.

José (Stepan Nercessian) que fora amante de Xica e era filho do sargento-mor e o negro livre Teodoro (Marcus Vinícius) diferencia-se dos outros personagens do arraial. A figura de Teodoro (Marcus Vinícius) assemelha-se a de Xica em busca de liberdade.

Assim como a ex-escrava o ladrão de diamantes não age por meio de ações pré-programadas fazendo acordo com contrabandistas de ouro e pedras preciosas inclusive os holandeses e o próprio João Fernandes, que pede sua ajuda para localização de uma nova mina não autorizada. Deste modo cada um dos personagens a sua maneira busca resistir a exploração da sociedade em que vivem.

Finalizando a apresentação dos personagens principais da película há o conde de Valadares (José Wilker). Contratado pelo rei para averiguar os altos gastos feitos pelo contratador, seu romance com Xica da Silva e a discrepância entre o que o arraial produzia e o que estava sendo arrecadado de impostos, o inspetor português aproveita-se da situação prolongando sua estadia para reunir objetos da casa de João Fernandes e obter riquezas.

Depois de ficar satisfeito com que já havia conseguido com o amado de Xica o conde de Valadares entrega a carta do rei ao contratador e o obriga a voltar a metrópole deixando Xica para trás, numa posição provavelmente pior do que a que há havia encontrado, pois agora além de oprimida novamente Xica também passa a ser culpabilizada e humilhada pelo desfecho de sua história com João Fernandes.

A produção foi dirigida pelo cineasta Carlos Diegues que também escreveu o roteiro em parceria com o escritor e especialista em História Brasileira João Felício dos Santos¹¹⁸, que também atuou no filme. O também professor de História Alexandre Eulálio ofereceu suporte para as informações necessárias para a construção de época.¹¹⁹

A ideia do filme teria surgido muitos anos antes do início das filmagens, em 1963, quando o diretor assistiu um desfile da escola de samba Salgueiro que tinha Chica da Silva como tema.¹²⁰ Sendo um dos maiores sucessos populares de Cacá Xica da Silva foi escrito com X assim como era feito na época em que a verdadeira Xica teria vivido.¹²¹

Diferentemente de outros filmes já produzidos por Diegues *Xica da Silva* buscava ser mais leve. Nas palavras do diretor: “Um filme sobre o mito Xica da Silva e, através dele, o amor pela liberdade, a imaginação criadora e a sensualidade de nosso povo”.¹²²

No entanto, a película traz muitas cenas irreverentes, quase carnavalescas relacionadas à rebeldia de Xica, abordando ainda cenas de sexo e nudez. Deste modo embora possua uma linguagem menos hermética na qual o público teve maior identificação, a película recebeu muitas críticas como a referente aos perfis psicológicos dos personagens.

Na crítica de Roberto Peres a escolha atribuída ao diretor os personagens não foram considerados profundos suficiente o mesmo havia optado por um viés mais interpretativo para contar a história de Xica: “não se deteve a analisar a situação da atual Diamantina ante a exploração da Corte, o trabalho da extração dos diamantes, a situação do negro escravo, a própria Inconfidência Mineira que já germinava em Vila Rica”.¹²³

¹¹⁸DIEGUES Carlos. *Xica da Silva*. Disponível em <http://www.carlosdiegues.com.br/osfilmes.asp?idF=7> acesso em 15 de nov. de 2018.

¹¹⁹ CAMARGO, Maria Sílvia. *O que é ser diretor de cinema*. São Paulo: Record, 2004, p. 12.

¹²⁰ DIEGUES, Carlos. *Vida de cinema: Antes, durante e depois do Cinema Novo*. São Paulo: Objetiva, 2014, p.375.

¹²¹ CAMARGO, Maria Sílvia. *O que é ser diretor de cinema*. São Paulo: Record, 2004, p. 121-122.

¹²² **UM BOM COMEÇO: XICA DA SILVA Rubens Edwald Filho. 02 09 76. A TRIBUNA SANTOS-SP**

¹²³ **XICA DA SILVA: UMA FESTA VIBRANTE E COLORIDA Roberto Peres 14 09 76 Cidade de santos, Santos SP**

Sendo um filme que visa analisar a nação trazendo como temática uma história que se passou durante o período do Brasil colonial uma das dificuldades apontadas pelo diretor, foi de que não havia muitas referências sobre a personagem, muito de sua memória foi apagado pelos brancos.¹²⁴

Dos poucos vestígios encontrados destaca-se uma menção da escrava que conquistara o tijuco em *O Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meirelles,¹²⁵ uma coletânea de poemas que abordam a história da então capitania de Minas Gerais desde o início de sua colonização ainda no século XVII até o movimento da Inconfidência Mineira no século XVIII, na qual a riqueza e poder de Chica através de sua influência sob o contratador João Fernandes são evidenciados dos romances XIII ao XIX. Há também o livro datado do século XIX do historiador Joaquim Felício dos Santos intitulado *Memórias do distrito diamantino*.¹²⁶

Mesmo com as tentativas de silenciar os vestígios da história da escrava que obteve, ainda que temporariamente, liberdade, riqueza e poder através de sua sedução e irreverência, a figura de Xica da Silva e de sua ascensão social, sem precedentes, sobrevive e tem sido utilizada para os mais diversos fins.

Em relação a protagonista este trabalho visa discutir a respeito das tentativas de transformá-la em um ponto de reflexão sobre os problemas e contradições do Brasil colonial e contemporâneo, inclusive utilizando o humor e a irreverência como instrumentos de críticas. Perante uma sociedade repressora (a dos brancos) a personagem de Xica da Silva antes, mas principalmente após sua alforria, representa uma postura intuitiva de rebeldia ainda que individual.

Xica da Silva: Uma alegoria de resistência a repressão

O filme Xica da Silva foi lançado em 1976 sob o governo de Ernesto Geisel (1974-1979). Foi no governo de Geisel que se deu o início da abertura política, a chamada transição “lenta, gradual e segura à democracia”.

Com a expiração de validade de algumas medidas dos Atos Institucionais, como a cassação aos direitos políticos como a proibição à propaganda política pelo AI-5 no rádio e na

¹²⁴ OROZ, Silvia. *Os filmes que não filmei*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p.118.

¹²⁵ MEIRELLES, Cecília. *O romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

¹²⁶ SANTOS, Joaquim Felício dos Santos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1956.

televisão. Amplas eram as esperanças, portanto, do fim do regime militar vigente no Brasil desde 1964.¹²⁷

Partindo de tal pressuposto faremos uma análise de alguns trechos e personagens do longa metragem *Xica da Silva* como representação imagética do ponto de vista de seu próprio tempo e sua singular perspectiva sobre a história do Brasil.

No início da película quando ainda estava sob os domínios do sargento-mor temos a primeira indicativa do poder de sedução de Xica. A cena se inicia enquanto a escrava alimentava as galinhas quando José, a interrompe entonando seu nome como um cacarejo.

A partir da investida do rapaz Xica deduz que ele deseja que os dois tenham relações sexuais. Inicialmente Xica da Silva parecia querer resistir as investidas do jovem se dirigindo a ele com as mãos na cintura e a cabeça erguida com expressão de desagrado dizendo: “Ah, hoje não!”

Não satisfeito com a negativa José se aproxima e rasga a blusa da escrava. Xica que primeiramente o olha com raiva logo sorri, demonstrando que sua resistência fora vencida, e que já havia um envolvimento entre eles. Em seguida os dois seguem por uma portinhola para um quarto abaixo da casa.

Neste momento temos a primeira indicativa do poder de sedução de Xica. Com sem qualquer trilha sonora a câmera é direcionada para portinhola ouve-se o protesto de José devido a alguma coisa que Xica deseja fazer: “Não, Xica! Xica! Isso, não Xica, Xica!” em sequência ouve-se um grito de José onde o prazer e a dor parecem se misturar. O próximo corte trás Xica com os seios a mostra ao lado de José que satisfeito promete dar a Xica o que ela quisesse de presente.

Esse artifício sexual é usado por Xica em outros momentos durante o filme, sempre para conseguir seduzir ou conquistar algo que deseja. Deste modo a personagem usa seu corpo como instrumento de persuasão.

Somada a sensualidade, a construção de Xica da Silva também é marcada pela irreverência, principalmente quando obtém a tão sonhada carta de alforria por João Fernandes de Oliveira e é dotada de uma espécie de influência política gradativa.

Na cena em que a protagonista se gaba de suas ações em relação aos brancos que lhe desagradavam ou faziam mal aos seus escravos temos uma exemplificação da tentativa do diretor de demonstrar como Xica colocada a parte anteriormente havia conseguido se impor e exercer poderes políticos no arraial.

¹²⁷ MENDONÇA, Sônia Regina de; & FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1980*. São Paulo: editora Ática, 2001, p. 92.

A princípio Xica esta sentada rodeada por escravas, tendo um pintor a sua esquerda e um violoncelista ao seu lado direito tocando uma melodia suave. Ao fundo ouve-se música africana se misturando ao som do violino. Realçando o fato de que Xica estava ouvindo a música europeia para se colocar como uma sinhá, mas não havia abandonado e nem deixado que seus escravos se distanciassem do batuque, marca de sua cultura.

Xica pergunta a um de seus músicos: “O que mais dizem de mim na corte?” ao que ele responde: “o povo diz que a senhora mandou castrar um branco que fez mal a uma de suas mucamas e mandou as coisas dele de presente para sua esposa”. Xica responde ironicamente “é para ela não sentir falta uai” e ri junto a suas mucamas. “Dizem também que a senhora mandou arrancar os dentes de uma branca que andou sorrindo para o contratador” continua o flautista, ao que Xica responde em tom irritado “e mandei de presente para o marido para ele fazer um colar para a amante dele”, em seguida o rapaz: “e falam que a senhora protege os pretos fugidos, mas que os portugueses sem o fis que aparecem, a senhora manda trabalhar com os escravos no serviços de mineração” ao que a protagonista já sem prestar muita atenção a conversa se limita a responder: “o cabeça (funcionário de João Fernandes) trata desses marotinhos”.

Através deste breve diálogo vê-se a proporção do poder de Xica frente a sociedade branca do Arraial e a atenção negativa que seu romance com o contratador estava gerando na corte. Deste modo sua condição preponderante na sociedade já estava fadada ao fracasso, representando assim uma ascensão individual e temporária.

Outro personagem que destacamos foi José, o jovem simboliza a figura do intelectual que se rebela contra os abusos da coroa, postura essa demonstrada em diversos momentos da produção.

Na passagem em que Xica pergunta o que seria um contratador em tom de desafio apoiado de costas a uma das portas da casa José responde calmamente: “um homem nomeado pelo rei de Portugal para levar da gente o que não pertence a eles.”

No corte seguinte, envergonhado pela fala do filho o sargento-mor pede desculpas para o intendente sua esposa dizendo que em sua casa todos sempre foram leais a coroa portuguesa. O personagem se coloca em posição de marcha e diz com a voz empostada “viva o rei Dom José I”. Em seguida a câmera mostra José com uma cara constrangida fazendo sinal para que o pai parasse de falar. Passado alguns segundos quando ninguém responde o grito em prol da coroa, a câmera volta para o sargento que após mais um período de silêncio constrangido, fala em tom desanimado “viva” e sai do recinto.

Outra sátira feita é a da suposta ordem imposta pelos portugueses. As autoridades do Tijuco não são leais a coroa como afirmam ser. No Arraial costumavam sonegar impostos antes

mesmo da chegada do contratador, forjando assaltos aos cofres ou não declarando os tributos como o determinado. João Fernandes também passou a gastar recursos em demasia com Xica e o conde de Valadares que deveria trazer o contratador de volta imediatamente a Portugal, postergou sua estadia para também se apropriar de riquezas, não priorizando portanto os interesses do rei.

Quando o conde finalmente obriga João Fernandes a regressar a Lisboa a protagonista volta a seu estado inicial, sendo humilhada e perseguida pelos habitantes do Arraial. Os caprichos e extravagâncias de Xica são apontados como as razões do desperdício de recursos e do escândalo que culminou com o regresso forçado do contratador. Diante dos maus tratos Xica foge e vai ao encontro de José no convento dos negros, onde o jovem havia se escondido há alguns meses por ter se envolvido em grupos que conspiravam contra a coroa em Vila Rica.

Sentado sobre uma mesa com os braços em volta dos joelhos José revela que não sabia dizer se ainda sairia do convento. Desanimada com os últimos acontecimentos Xica é enfática dizendo que do jeito que as coisas iam ele não poderia ir embora dali tão cedo. Eis que José assume novamente seu papel de depositar esperanças em um futuro onde Brasil fosse um país livre de Portugal. Levantando-se e chegando bem próximo de Xica José diz energicamente: “que isso? Você está louca Xica? O país não é feito só de gente frouxa que nem o teu contratador não. (...) vamos mijar na cabeça do conde, do rei, do intendente, da mulher do intendente. Xiii”. José sobe na mesa e continua a falar imitando o ato de fazer xixi “e não demora nada, Xiiii”.

Xica não parece se convencer das expectativas de futuro que José lhe apresenta. Olhando tristemente quase diretamente para câmera a protagonista segue desanimada: “Não adianta José, minha vida se acabou sem João Fernandes Xica da Silva não existe. Só na lembrança”.

José protesta afirmando que Xica não se acabaria nunca, que sua figura representava a alegria do povo é que sem ela não haveria festa. Então Xica agora mais confiante o persegue dentro do convento, depois de seus inúteis protestos e uma verdadeira corrida pelas escadas, ambos se retiram para fazer sexo novamente, concluindo sua historia igual ao começo. Em seguida temos a imagem do Arraial do Tijucu com os sinos tocando fortemente enquanto ao fundo a música tema do filme¹²⁸ vai crescendo finalizando a produção.

¹²⁸ As músicas do filme foram feitas por Jorge Ben (tema principal), Roberto Menescal (para a sociedade branca, inspirada no barroco) além de músicas folclóricas de época escolhidas por Fernando Lebéis e músicas de percussão feitas por Élcio Milito. Para mais informações consultar OROZ, Silvia. *Os filmes que não filmei*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p. 126.

O filme *Xica da Silva* traz muitas cenas relacionadas à rebeldia de sua protagonista, sendo considerado por muitos críticos da época como “carnavalesco e irreverente” demais. No ano de 1976, em plena ditadura militar, uma parte da sociedade que é reprimida e marginalizada, representada principalmente pela figura de Xica, continua a ser derrotada politicamente, porém se sobressai culturalmente, resistindo por diversos meios, incluindo a sátira e a irreverência.

Considerações finais

Na película percebemos a tentativa de Cacá Diegues de evidenciar o caráter transgressor, sobretudo através da representação da protagonista. Segundo o diretor “a medida que há transgressão, há um papel revolucionário, agora no caso de Xica, não dá resultado porque é uma tentativa de libertação individual”.¹²⁹

Em contraponto a Xica, o personagem de José representa a figura do intelectual que anseia pela independência do Brasil e busca estruturas que propiciem a realização deste objetivo.

A cena final é emblemática Xica com toda sua alegria e potencial para resistência junta-se com José o revolucionário propriamente dito. Neste sentido segundo a perspectiva do diretor somente com a união das massas aos intelectuais mudanças efetivas poderiam ocorrer na sociedade.

O filme possui muitos personagens ambíguos que assim como a nação brasileira buscavam obter liberdade por caminhos distintos, demonstrando sua insatisfação frente a opressão. Em *Xica da Silva* tem-se uma ex-escrava que possuía escravos, funcionários portugueses e jovens que conspiram contra a coroa. Todas essas matizes que não reduzem os personagens a uma única representação imperando debates em torno dos mesmos talvez seja a maior contribuição do filme.

Ao representar de diversas maneiras a resistência da protagonista e da própria elite do arraial ao colonialismo, Diegues visou criar para os muitos espectadores do Brasil de 1976, um modelo de resistência e crítica a outro sistema de opressão: a ditadura militar brasileira.

Referências

AUMONT, Jacques. *O cinema e a encenação*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto e grafia, 2006.

¹²⁹ OROZ, Silvia. *Os filmes que não filmei*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p. 129.

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 81 - 90. ISSN:

BORDWELL, David. *Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema*. São Paulo: Papiros, 2009.

CAMARGO, Maria Sílvia. *O que é ser diretor de cinema*. São Paulo: Record, 2004, p. 121-122.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1998.

DIEGUES Carlos. *Xica da Silva*. Disponível em: <http://www.carlosdiegues.com.br/osfilmes.asp?idF=7> Último acesso em 15 de nov. de 2018.

MENDONÇA, Sônia Regina de; & FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1980*. São Paulo: editora Ática, 2001.

MEIRELLES, Cecília. *O romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

METZ, Christian. *A significação do cinema*. Tradução Jean Claude Bernardet. São Paulo. Perspectiva, 2012.

OROZ, Silvia. *Os filmes que não filmei*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

RICHARD A. Gordon. *Alegorias de Resistência e Recepção em Xica da Silva*. Tradução Lázaro Barbosa e Mateus da Silva Cardoso. Disponível em: [file:///C:/Users/Fernanda/Downloads/Alegorias%20de%20Resist%C3%Aancia%20e%20Recep%C3%A7%C3%A3o%20em%20Xica%20da%20Silva%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Fernanda/Downloads/Alegorias%20de%20Resist%C3%Aancia%20e%20Recep%C3%A7%C3%A3o%20em%20Xica%20da%20Silva%20(1).pdf) > Último acesso em 22 de nov. de 2018.

ROSSINI, Miriam de Souza. —Xica da Silva e a luta simbólica contra a ditadura. Olho da História N°. 4, 1997. Disponível em <http://www.ufba.br/~revistao/04rossin.html> acesso em 15 nov. 2018.

SANTOS, Joaquim Felício dos Santos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1956.